

História de Vida e Exclusão Social: os Catadores de Lixo Reciclável em Ijuí.¹

Life story and social exclusion: recycling garbage catchers from Ijuí.

Nadia Scariot²
Celso Henrique Acker³

RESUMO

Esta pesquisa pretende, através da história de vida dos catadores de Lixo reciclável em Ijuí, compreender as relações que permeiam seu cotidiano e entender as origens de sua exclusão social, auxiliando, assim, na (re)construção da sua identidade através do resgate da memória desses trabalhadores. Pretendemos saber também onde trabalhavam antes de se tornarem catadores e por que estão nessa condição. Partimos da hipótese de que a maioria dos que, hoje, trabalham com material reciclável antes trabalhavam em outras atividades, como agricultura, construção civil, serviços temporários e domésticos etc., e que, devido à transformação dos processos produtivos que exige, cada vez mais, pessoas que se encaixem perfeitamente no padrão referencial da atualidade, estas pessoas encontraram no lixo reciclável uma alternativa de sobrevivência. Para isso a metodologia da história oral apresenta-se como uma aliada, pela sua capacidade de apreender fatos notáveis e acontecimentos corriqueiros que nos dão noção de vida social. Já se verifica que alguns deles trabalhavam anteriormente com agricultura e que, eventualmente, voltam a trabalhar em períodos de safra, o que deixa transparecer que a atividade com o lixo é uma alternativa e serve apenas para garantir a sobrevivência.

Palavras-Chave: História De Vida - Exclusão Social - Catadores De Lixo

ABSTRACT

This research intends, through reporting life stories of garbage catchers from Ijuí, to comprehend the relations in their everyday lives as well as to understand the origins of their social exclusion, thus, helping them to (re)build their identity by recalling these workers' memory. We also intend to know where they worked before becoming garbage catchers and why they are in such conditions. The hypothesis that the majority of those who currently work with recyclable materials used to work in other activities beforehand, such as agriculture, construction, temporary jobs, etc, serves as a starting point. Due to the changes on the productive processes, which demand people who fit into the nowadays referential patterns, these people have found a surviving alternative in the garbage catching. In order to do so, the oral history methodology will present itself as an allied, for its possibilities to apprehend ordinary and extraordinary events, which give us a notion of social life. It has been already verified that some of them used to work in agriculture and that eventually they came back to agriculture at harvest time. This shows us that working with garbage is an alternative and helps them only in their survival.

Key Words: Life Story – Social Exclusion – Garbage Catchers

¹ Pesquisa PIBIC/UNIJUÍ (Research of PIBIC/UNIJUÍ)

² Bolsista PIBIC/UNIJUÍ e estudante de Sociologia (Scholarship holder PIBIC/UNIJUÍ and senior student of sociology)

³ Professor Orientador (Adviser professor)

PRIMEIRAS PALAVRAS: A EXCLUSÃO E O LIXO

Várias são as conseqüências trazidas pela transformação dos processos produtivos nas regiões ligadas basicamente à produção primária, como é o caso da cidade de Ijuí/RS. Se, por um lado, essas transformações proporcionam avanços, principalmente tecnológicos, por outro ocasionam a exclusão social. Paralelo a tanta tecnologia, concentrada em apenas alguns grupos, percebe-se que muitas pessoas sequer têm acesso aos avanços tecnológicos; vivem sem o mínimo de condições econômicas, e conseqüentemente acabam excluídas, principalmente do mercado de trabalho. Este tipo de fenômeno ocasionou, por sua vez, o chamado mercado informal, onde trabalham as pessoas que não se encaixam no padrão referencial das inúmeras habilidades exigidas na atualidade, como, por exemplo, os catadores de lixo reciclável.

Em seu artigo “Exclusão social e o Estado Hoje”, Lindomar Boneti (1998, pg. 15) diz que a exclusão social é típica do modo de produção capitalista. Ele cita, ainda, a opinião de vários autores sobre esta questão. Castel considera-a “como rupturas de situações de vínculos sociais lábeis”. Scorel, por sua vez, define-a como “situações e condições nas quais há um processo social ativo de discriminação, estigmatização e expulsão de um conjunto de âmbitos sociais não determinados por decisões individuais”. Já Gaulejac entende a exclusão social “como um processo resultante da mutação tecnológica, social e cultural” associada “à luta pelo espaço na sociedade”, a qual não se dá “entre indivíduos, pessoas com pessoas, classes com classes, mas entre indivíduos e instituições ou organizações sociais”. No contexto da exclusão social também encontram-se os catadores de lixo reciclável.

A MOBILIZAÇÃO DOS CATADORES EM TORNO DO LIXO

A questão do lixo e suas implicações passa a ser debatida mais amplamente no Brasil a partir da ECO 92, quando as questões ecológicas aparecem mais claramente para a humanidade, por ser uma questão de sobrevivência do planeta. Como sempre é a necessidade que cria a motivação, foi a necessidade de se fazer algo com o excesso de lixo que levou milhares de pessoas em todo o país a trabalhar na atividade de catador, já que o lixo passou a ter valor comercial, através da reciclagem.

Os catadores, para sobreviver, encontraram no lixo uma fonte de renda para atender às suas necessidades. Em suma, o lixo, que precisa ser recolhido e reciclado para a sobrevivência do planeta, encontra no catador uma saída, e o catador, que precisa de trabalho, encontra no

lixo uma alternativa de sobrevivência. No Brasil e na América Latina é significativo o número de famílias que tiram do lixo o seu sustento. Para fazer valer seus direitos, os catadores, aliados a diversos segmentos da sociedade civil, realizaram de 20 a 23 de janeiro de 2003, o “I Encontro Latino-Americano de Catadores de Lixo Reciclável” em Caxias do Sul-RS.

A presença dos catadores no evento, se auto-representando, significou um gesto de democracia, de exercício de cidadania em que eles puderam expressar suas necessidades, sem precisar de mediadores para isso. A fala de D. Geralda, de Belo Horizonte-MG que é, também, presidente da Associação Nacional dos Catadores expressa bem a situação: “catador não quer cesta básica, ele quer trabalho e sustento”! Na oportunidade, eles criaram faixas com dizeres referentes aos temas debatidos no evento e uma delas chamou muita atenção por definir bem o encontro. Trata-se de um provérbio árabe que diz o seguinte: “Muita gente pequena, em muitos lugares pequenos, fazendo coisas pequenas, mudarão a face da terra”! Assim como o Congresso dos catadores em Caxias, também a presente investigação pretende contribuir para a mudança na realidade de exclusão vivida pelos catadores.

O porquê da pesquisa

A exclusão social ainda é um tema de discussão recente para as ciências sociais, portanto, estudá-la é importante para que se possa perceber o que a está gerando e quais as suas conseqüências sociais. Estudar a exclusão social, em relação aos catadores de lixo reciclável parece ser um trabalho promissor, servindo para aumentar o conhecimento da realidade social, com a possibilidade de se realizar ações que visem a uma transformação da realidade atual, tornando-a mais justa e igualitária. Como resultado das investigações acerca das exclusão social, também é possível a revalorização dessas pessoas nos espaços sociais, culturais e políticos em que vivem. Ainda, talvez, esta pesquisa possa servir de base para a criação de ações voltadas a atender às necessidades dos atores pesquisados, não funcionando como medida assistencialista e paliativa, mas possibilitando, ao longo de um processo, mudar também as estruturas “doentes” que estão gerando o problema.

O que se espera é que, futuramente, os catadores possam trabalhar de forma legalizada, com garantias sociais e livres dos preconceitos e dos rótulos que a sociedade lhes atribui, sentindo-se um cidadão, de direito e de fato e deixando para trás a condição de excluído.

Diante do quadro apresentado, o questionamento principal é saber como estas pessoas que trabalham com o lixo se vêem, enquanto catadores; que imagens fazem de si próprios, enquanto cidadãos que têm seu cotidiano atropelado pela força da identidade atribuída pelos estigmas. E, em relação à sociedade, como esta os vê? Já que o lixo é a sobra, quem trabalha

com ele estaria “sobrando” para a sociedade? São questionamentos que ainda estão sendo respondidos na atual fase da presente investigação.

No presente trabalho, no questionário aplicado aos catadores, procurou-se formular perguntas em que os respondentes pudessem falar livremente sobre suas vidas: suas lembranças de infância, suas experiências, família, escola, sobre a condição em que se encontram hoje etc. Desta forma acredita-se poder colaborar para a (re)construção de suas identidades, ou seja, eles poderão, através de suas falas, perceber como se vêem, onde se encontram no momento e, por conseguinte, aonde pretendem chegar, pois quem não sabe de onde vem, e onde está, não sabe para onde vai e, portanto, qualquer caminho é válido, mesmo que seja o mais árduo.

OS OBJETIVOS DA PESQUISA

O objetivo da pesquisa é responder as seguintes questões:

- 1- Delimitar o universo de catadores de lixo reciclável em Ijuí: saber quantos aproximadamente, encontram-se nesta situação;
- 2- levantar a história de vida dos catadores de lixo: deixar que elas falem de suas experiências, necessidades e aspirações para que possam, através de suas falas, tomarem consciência de quem realmente são e onde se encontram;
- 3- compreender as relações que permeiam seu cotidiano: o que significa para eles este lixo; como são suas relações de trabalho, familiares, sociais etc.;
- 4- entender as origens da exclusão social do público envolvido: saber como chegaram à situação de catador;
- 5- auxiliar na (re)construção da identidade através do resgate da memória desses trabalhadores: ao falar de suas vidas, eles se percebem como sujeitos sociais envolvidos num processo de exclusão;

A HIPÓTESE

As grandes transformações sociais geradas, principalmente, pelo desenvolvimento tecnológico, associadas à falta de acesso a estas tecnologias, a boas escolas e à baixa condição financeira acabaram por ocasionar um processo de exclusão social. Ao realizar-se este estudo, parte-se da hipótese de que os *catadores de lixo reciclável* são sujeitos que na maioria das vezes encontram-se nestas condições de exclusão e, por não terem uma alternativa melhor

para manter a sua sobrevivência, acabam procurando no lixo a sua renda, pois esta atividade está diretamente ligada a sua sobrevivência imediata.

METODOLOGIA

A metodologia da pesquisa está centrada, principalmente, na *História oral de vida*. Acredita-se que esta surge como um elemento que contribui para a pesquisa já que se concorda com Bom Meihy (2002) quando este diz que a história oral de vida “trata da narrativa do conjunto da experiência de vida de uma pessoa”, possuindo ainda a capacidade de apreender as suas subjetividades. Porém, há outras técnicas igualmente importantes e que se fazem necessárias para o bom desenvolvimento de uma pesquisa, como veremos a seguir.

Para dar início aos trabalhos usou-se a *observação participante* (Becker, 1999), na qual, o pesquisador “observa as pessoas que está estudando para ver as situações com que se deparam normalmente e como se comportam diante delas”. Este contato se dá através da observação de campo, em que o observador anda com os catadores pelas ruas – local onde estes coletam seus materiais.

Optou-se por *entrevistas semi-estruturadas* (Cortes, 1994), com perguntas abertas, por permitirem ao entrevistador ir criando novas questões de acordo com o que vai sendo respondido. Podem falar livremente sobre suas vidas: suas experiências, sua relação com a sociedade, o que possibilita perceber as representações que estão implícitas em seus discursos.

Outra técnica utilizada foi a *amostragem por aglomerado* (Cortes, 1994), por entender que nesta os entrevistados são escolhidos aleatoriamente e podem indicar outras pessoas para entrevistas, ou as que estão ao seu redor.

Na parte final da pesquisa, no que se refere à análise, usar-se-á a do tipo *qualitativa-análise de conteúdo* (Cortes, 1994), por ser esta a mais indicada para processar respostas de perguntas livres, e por permitir perceber o que está nas entrelinhas do discurso.

Os dados que se pretende obter referem-se a valores, crenças, opiniões, subjetividade; portanto, acredita-se que as técnicas metodológicas adotadas possam servir de subsídios para tal intento, por estarem de acordo com o tema e objeto pesquisados.

RESULTADOS

A presente pesquisa encontra-se em fase de gravação e transcrição de entrevistas, porém alguns aspectos já podem ser destacados. Nos resultados apurados até o momento já se verifica que alguns dos sujeitos investigados trabalhavam anteriormente com agricultura e que

eventualmente voltam a trabalhar com a mesma em períodos de safra, o que deixa transparecer que a atividade com o lixo serve, apenas, para garantir a sobrevivência. Percebe-se, ainda, que a baixa escolaridade aliada à situação de pobreza colaboram para a situação de exclusão.

Este é o caso da primeira entrevista analisada com o catador M.G., natural de Ajuricaba/RS, atualmente morador do bairro Colonial em Ijuí. Este bairro é conhecido na cidade como um reduto de pessoas pobres, desempregadas e marginais, que para sobreviver fazem ‘bicos’, ou praticam furtos.

...”Como tantas outras parcelas da população brasileira, eles têm sido estigmatizados por sua pobreza e tornam-se indiscriminadamente reconhecidos como classe perigosa, que acaba por gerar um processo de segregação espacial, com a constituição de verdadeiros ‘guetos’” (Juncá et al., 2000, pg. 31).

M.G. trabalhou na agricultura desde os nove anos de idade até cinco anos atrás, quando voltou do Mato Grosso, onde trabalhava na colheita da safra. Não encontrando mais trabalho na agricultura devido à modernização do campo, e também, na cidade, pela falta de uma formação condizente às necessidades do mercado, restou-lhe, como alternativa, trabalhar nas ruas da cidade, como catador de materiais recicláveis.

“Sem as oportunidades de trabalho que buscavam na cidade, sem capacidade para exercer tarefas de maior demanda urbana (...), milhões de trabalhadores rurais, que por um momento viram a cidade como a terra prometida, se converteram em parasitas da sociedade humana. Sem que desejem estão contribuindo para o aumento dos índices de marginalidade, da criminalidade, da insegurança, da fome, da pobreza e da miséria nos bairros pobres” (Olinger, 1991 p. 67).

Embora não tenha mais conseguido trabalhar na área da agricultura, M.G. acredita que através dela o problema do desemprego, por exemplo, poderia ser resolvido: “*Começá acho que pela agricultura, incentivá a agricultura, dá emprego na agricultura, [aí] esse povo da cidade tem trabalho, com o emprego, só através do estudo nunca mais vai tê emprego pra todos....*”.

Em relação ao grau de escolaridade, M.G., diz ter estudado até a quarta série do ensino fundamental. Ele tem consciência de que a baixa escolaridade é um fator limitante na hora de conseguir um trabalho, porém acredita que o estudo, por si só, já não é mais garantia de um emprego: “*conhecidos meus, né, bem estudado, bem formado e num tem vaga (...) tão desempregado*”. Ainda no que se refere à educação M.G. acha que a ajuda do governo é

necessária, porque os pobres não têm condições financeiras de proporcionar estudo a seus filhos.

Pobreza, para Johnson (1997, pg. 176) é carecer daquilo de que se necessita para viver, porém essa necessidade é relativa, pois depende do quanto as pessoas têm em comparação com as outras pessoas na sociedade e, também, dos valores culturais que definem o que é ter uma “boa vida”.

A condição de catador está muito associada, no imaginário popular, à condição da pobreza, que, por sua vez, para muita gente ainda é sinônimo de marginalidade, indolência, malandragem etc. Esses estigmas marcam profundamente a vida de uma pessoa, tornando-a desacreditada, principalmente, perante a sociedade.

O trabalho é considerado, em nossa sociedade, sinônimo de dignidade, um meio de ganhar a vida com honestidade, e é em nome da honestidade que, além da necessidade, eles aceitam de forma mais indiferente este tipo de trabalho. Num mundo que atribui rótulos à população carente, o catador auto-identifica-se

“enquanto trabalhador, salientando o gabarito da atividade com o lixo, em contraposição às representações socialmente construídas, que colocam em destaque a figura do malandro, indolente e marginal que atingiu o último degrau de um processo de desqualificação, pois quem trabalha com o refugo urbano, com o resto, com ele acaba por se confundir” (Juncá et al., 2000, pg. 22).

Neste sentido M.G. destaca: “(...) *muitas pessoa incentiva, (...) até pessoas rica, né, diz: ah, isso q’eu acho bonito, isso nom é feio, que vocês ton trabalhando prá defendê a vida, é melhor do que a gente sabê que vocês um dia foi mexê nalguma coisa lá, robá e tá preso, então isso aí é bonito o que ceis tão fazendo... isso levanta o astral até da gente, né, anima*”.

Mesmo se dizendo animado com o incentivo recebido por parte de outras pessoas, verifica-se que para M.G. a atividade de catar lixo serve apenas para atender às suas necessidades mais urgentes: “*parado num posso ficá... tem criança, duas aí, e a mulher pra sustentá... a luz, as coisa pra pagá... eu vô catá o papel pra ao meno isso aí defende, né (...)*”. Quando lhe foi perguntado se ele voltava a trabalhar na cata de papel apenas quando não encontrava outro tipo de trabalho, ele respondeu afirmativamente. Por diversas vezes trabalhou com outro tipo de serviços, na época de safras: colheita da maçã, do soja. No período em que a entrevista foi realizada não estava trabalhando na coleta de papel na rua, pois havia conseguido uma vaga de carregador em uma empresa da cidade. Após este período voltou a trabalhar nas ruas, como catador de lixo.

Quanto ao preconceito e a discriminação enfrentada por trabalhar como catador de lixo, M.G. diz que percebe que as pessoas olham meio de lado, porque talvez sejam “*fraca do estômago*”, mas diz não importar-se com o fato: “*Eu nem ligo, faço de conta que num vi, tóco o barco prá frente, a vida tem que levá*”.

Sobre a perspectiva de futuro, no que tange ao trabalho, M.G. não tem muita esperança e diz que se a situação continuar assim vai ser terrível, porém acredita que a educação, junto com investimentos na agricultura, seja uma das saídas. Outra saída mencionada por ele seria a formação de uma cooperativa de catadores. Anteriormente, eles já haviam se reunido e conseguido camisetas e luvas para trabalhar, e estavam providenciando a confecção de macacões. Também, já contavam com vinte, dos vinte e dois sócios exigidos para a formação da cooperativa, porém não tiveram apoio financeiro da prefeitura, e a idéia parece ter ficado de lado. Entretanto, eventualmente, quando encontra os colegas, voltam a tocar no assunto.

A idéia de formar uma cooperativa significa para os catadores uma alternativa para fazer frente à crise econômica e financeira; uma oportunidade de voltar a ter trabalho e renda. Segundo M.G., a renda mensal de um catador, quando não organizado, como é o seu caso, oscila muito e fica difícil fazer uma média. Em casos já constatados de formação de cooperativas e/ou associações, tem-se informações de que esta pode chegar a R\$ 250,00 em média.

Para Paul Singer a solução para o problema do desemprego está na economia solidária, a qual pode “oferecer a massa dos socialmente excluídos uma oportunidade real de se reinserir na economia por sua própria iniciativa”, através da criação de um novo setor econômico, “formado por pequenas empresas e trabalhadores por conta própria, composto por ex-desempregados, que tenha um mercado protegido da competição externa para seus produtos” (Singer, 1998, pg. 122).

Antes de começar a catar nas ruas de Ijuí M.G. trabalhou por um ano no “lixão”, lugar destinado a todo e qualquer tipo de lixo gerado no município. Saiu de lá porque nos últimos meses chegava a ganhar apenas R\$ 20,00 por semana.

“Tinha semana que tirava até menos, né, e nós chegemo uma época lá, tirava R\$ 80, por semana e foi caindo a produção, não deu mais, daí eu me afastei, vários se afastaram (...) cum aquilo ali eu num dava conta da casa, né, daí que eu falei cum esse senhor dos carrinho, que ele tem os carrinho, lá mesmo. Ele disse: ‘não, eu te arrumo um carrinho, e acho que lá na cidade tu ganha mais do que aqui, que eu sei que cê trabalha’, e aí que eu vim”.

Os produtos adquiridos na coleta não se destinam apenas à venda. A esposa de M.G. revela que eles também aproveitam a comida encontrada no lixo: “(...) *o que nós achá assim*

bom, sabe, pão, essas coisa, a gente traiz imhora pra comê”. Levam para casa, também, cadeiras, roupas, calçados, enfim, tudo o que pode ser usado em benefício próprio.

A principal dificuldade encontrada no trabalho, para M.G., é levar o carrinho, carregado, para casa, pois este chega a pesar até 200 kg. Diz que fica contente quando acha bastante material, pois vai lhe render bastante, mas a distância entre o ‘ponto de coleta’ e sua casa é grande e o trajeto muito íngreme, o que dificulta a viagem.

A família de M.G. não possui nenhum outro tipo de renda ou benefício além da conseguida com a coleta do lixo. Quando precisam de assistência, principalmente médica, recorrem ao Posto de Saúde do seu bairro e à Secretaria de Assistência Social do município. Além de trabalhar eles também, às vezes, se dedicam à religião, freqüentando uma Igreja Evangélica.

Quanto à documentação, M.G. diz possuir todos os documentos: CPF, identidade, título de eleitor e carteira de trabalho. O círculo familiar se atém mais à família em si. Nos finais de semana, geralmente, ficam em casa. M.G. diz que, às vezes, gosta de ir jogar futebol.

Considerando o exposto acima, o que se percebe é que o entrevistado tem consciência de sua condição de excluído. Acredita-se que a possibilidade de ele poder falar da sua ‘história de vida’ possibilita traçar um perfil de sua condição de maneira a contribuir para maior clareza na análise de sua situação, bem como na busca por soluções.

Observa-se de uma maneira geral que a hipótese inicial se confirma na fala do entrevistado. Verifica-se que de fato, no caso de M.G. o trabalho de coleta de lixo serve apenas para garantir a sua sobrevivência imediata. No entanto, ainda há outras entrevistas a ser analisadas, a fim de que se possa comprovar efetivamente a validade geral da hipótese.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do trabalho de investigação até agora realizado, algumas considerações finais podem ser esboçadas à guisa de conclusão parcial, já que o trabalho de pesquisa ainda se encontra em desenvolvimento. Uma das considerações diz respeito à metodologia usada, no caso a história de vida, e a outra refere-se ao panorama da exclusão social.

O que se percebe até este ponto do trabalho é que a técnica de história de vida realmente possibilita aos entrevistados falar livremente sobre suas vivências. Eles trazem à tona aspectos subjetivos de suas vidas, o que poderia passar ao largo usando-se uma metodologia mais direta como, por exemplo, uma pesquisa de cunho quantitativo apenas, com o uso de entrevista em que as perguntas são fechadas.

Quanto à exclusão social, de acordo com os conceitos enunciados no início do texto, verifica-se que ela de fato está muito presente na vida e na fala dos catadores que constituem os sujeitos da presente investigação, como observado no caso de M.G. Sua fala está perpassada por todo um contexto de exclusão que acaba implicando em outras situações, como estigmatização, ‘falta’ de cidadania, marginalidade etc. Na vasta massa de trabalhadores que contribuem, de forma involuntária, para “o aumento dos índices de marginalidade, da criminalidade, da insegurança, da fome, da pobreza e da miséria nos bairros pobres” (Olinger, 1991, p. 67), os catadores de lixo de Ijuí, representados na fala de M. G., são uma das faces mais contundentes da exclusão social do país. Estudá-los e compreender sua trajetória pode ser o primeiro passo no sentido de apontar-lhes alternativas mais dignas de vida e de trabalho.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BECKER, Howard. **Métodos de pesquisas em ciências sociais**. 4º ed. São Paulo: Hucitec, 1999.

BOM MEIHY, José Carlos Sebe. **Manual de História Oral**. 4 ed. São Paulo : Edições Loyola, 2002.

BONETI, Lindomar W. Estado e exclusão Social Hoje. In: **Os caminhos da Exclusão**. Ijuí: Ed. UNIJUÍ, 1998. (Coleção Ciências Sociais)

CORTES Soraya M. Vargas. **Técnicas de coleta e análise qualitativa de dados**. *Cadernos de Sociologia*, v.9 Porto Alegre, jan/jul 1994, p. 11-47

JOHNSON, Allan G. Jungmann, Ruy (Trad). **Dicionário de Sociologia: Guia prático de linguagem**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.

JUNCÁ, Denise. GONÇALVES, Marilene. AZEVEDO, Verônica. **A mão que obra no lixo**. Niterói : EDUFF, 2000.

OLINGER, Glauco. **Êxodo Rural: Campo ou Cidade?** Florianópolis, ACARESC, 1991.

SINGER, Paul. **Globalização e desemprego : diagnóstico e alternativas**. São Paulo: Contexto, 1998.

DADOS DA AUTORA

Nadia Scariot é estudante do 6º semestre de Sociologia, da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul-Unijuí. Também é bolsista/pesquisadora no Departamento de Ciências Súcias, em que participa da pesquisa “História de vida e Exclusão Social: os catadores de lixo reciclável em Ijuí”. Publicou artigos em periódicos locais sobre o tema da exclusão e dos catadores de lixo.

Artigos Escritos:

O desafio dos excluídos, publicado no Jornal ‘Informativo do MOVA’, de Inhacorá/RS, pág. 03, em 01/05/02;

Vivendo do lixo: em busca da cidadania – ‘Jornal da Manhã’, de Ijuí, pág. 02, em 19/12/02;

Catadores mobilizados: contra ALCA, Neoliberalismo e Globalização – ‘Jornal da Manhã’, de Ijuí, pág. 02, em 06/02/03.

Filiação Institucional: Unijuí - Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul.

Endereço postal: Rua Adolfo Michel, 11 Bairro Industrial – Ijuí/RS 98700-000

Endereço eletrônico: nadia@unijui.tche.br

Telefones: 55 3332-0457 / 3333-8440 / 9115-8184

